

UMA REVISÃO CRÍTICA SOBRE RELAÇÕES ENTRE PAIS HETEROSSEXUAIS E SEUS FILHOS HOMOSSEXUAIS

Daniel Cerdeira de Souza, Jaisson Bernardo da Silva Veiga

Faculdade de Psicologia (FAPSI)
Universidade Federal do Amazonas

dancerdeira01@gmail.com; jaissonveiga@gmail.com

Resumo: Este estudo teve como objetivo discutir as relações familiares em famílias onde há filhos homossexuais através de uma revisão de literatura em livros, teses, dissertações e artigos científicos. Observou-se que os preceitos judaico-cristãos são a base da homofobia que sustenta a violência que a maioria destes vivem, mas essa violência é encarada como uma espécie de correção que traria o filho a heteronormatividade. Existem três tipos de famílias em que lidam com filhos homossexuais, sendo as desintegradas, onde os conflitos aumentam depois da saída do armário, as sensações de vergonha e a rejeição do filho são bem presentes, as famílias ambivalentes, onde os pais apresentam reações conflitantes no que diz respeito a orientação sexual do filho e o amor que sentem por este e as famílias integradas, onde a vergonha é pouco presente e há uma melhoria nas relações após a saída do armário do filho.

Palavras- Chave: Relações familiares; Homossexualidade; Homofobia; Violência.

1. INTRODUÇÃO

A família é um campo crucial no desenvolvimento global dos sujeitos. Ao se pensar em dinâmica familiar, alguns aspectos em comum são observados na história de um número vasto de homossexuais (SCHULMAN, 2009). Com essa pesquisa, esperamos contribuir na discussão sobre relações familiares a partir da diferença de orientação sexual, tendo um olhar crítico sobre o impacto que a família exerce no desenvolvimento de uma pessoa de orientação que diverge da heteronorma. Atualmente, a diversidade sexual e de gênero reúne muitos estudos teóricos e empíricos, especialmente entre as ciências humanas que investigam o impacto social da diversidade. Tais repercussões apontam para um contexto que ainda discrimina homossexuais e os colocam à margem da sociedade (COSTA et al., 2015).

Partindo do princípio de que a diversidade de orientação sexual sempre existiu, o momento político do nosso país e a crença de que todas as formas de violência e exclusão devam ser enfrentadas, pautadas no diálogo crítico, questiona-se: Como a literatura apresenta a dinâmica relacional de jovens homossexuais em suas famílias?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conceitos Relacionados

Segundo Claude Lévi-Strauss (1987) a família é o lugar onde desenvolvem as normas de filiação e de parentesco, onde se constrói sistemas elementares, cuja finalidade é



ligar os indivíduos entre si e a sociedade. Ela constitui a realidade social sendo um conjunto de indivíduos ligados entre si, seja pela aliança (o casamento), seja pela filiação, mas excepcionalmente pela adoção (parentesco) e vivendo sob o mesmo teto (coabitação). A mesma tem como função proporcionar um primeiro contato com as regras sociais, produzir e reproduzir papéis culturais para os indivíduos, sendo um agente socializador (UZIEL, 2002; MARTINS, 2015; MARTINS-SILVA et al., 2012).

Apresentamos também o conceito de homossexualidade, sendo esta uma expressão natural da sexualidade humana, não sendo algo novo no comportamento afetivo-sexual da humanidade. Sua manifestação remonta desde os primórdios da civilização humana (BORGES, 2009).

Trabalhos Relacionados

Para a composição deste ensaio, posso citar algumas pesquisas que foram cruciais para a resposta do problema proposto, todos sendo dos últimos 5 anos.

- Adolescentes homossexuais e as relações com seus familiares: um enfoque da fenomenologia social. Tese de Doutorado de Nely Dayse Santos da Mata, obtida no Programa de Pós Graduação em Cuidado em Saúde da USP, publicada em 2016.
- Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. Artigo de PERUCCHI, J.; BRANDAO, B. C.; VIEIRA, H. I. S., publicado na revista Estudos em Psicologia, vol.19, n.1, p.67-76, 2014.
- Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. Artigo de SILVA, M. M. L. et al publicado na revista Temas em psicologia, vol.23, n.3, p. 677-692, 2015.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Metodologicamente, este estudo caracteriza-se por ser um a revisão de literatura não sistemática de cunho narrativo argumentativo, que caracteriza-se por ser a análise da literatura na interpretação e análise crítica pessoal do autor (ROTHER, 2007). Devido a problemas com descritores, optamos por utilizar literatura de livre configuração temporal consultada em livros, teses, dissertações e artigos científicos e incluímos obras conforme se encaixavam na construção do texto e respondiam ao objetivo proposto.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As condenações históricas da homossexualidade advindas das influencias religiosas judaico-cristãs (e até mesmo científicas) ainda hoje retratam uma cena de exclusão e violência dentro das famílias. Para observar de perto basta que se observem comportamentos e declarações dentro do próprio seio familiar. “Prefiro um filho morto a um filho veado”, ou ainda “prefiro uma filha puta a uma filha sapatão” (MOTT, 2001). A religião e suas interpretações a respeito da homossexualidade são com frequência mantenedores de significados negativos que dificultam mudanças necessárias para a aceitação e legitimação da mesma, dando a conotação de pecado a homossexualidade e



atribuindo-a às atitudes de promiscuidade (SILVA et al., 2015).

Schulman (2009) diz que a família é o refúgio da crueldade da cultura, mas se a esta é a fonte da crueldade, a sociedade mais ampla será o refúgio para a pessoa violentada. Porém, se a família e a sociedade são fontes de crueldade, onde refugiar-se-á o jovem homossexual? Para as demais minorias sociais, a família constitui o principal apoio no enfrentamento da discriminação global, porém, no caso dos homossexuais, é no próprio lar que a opressão e a discriminação se fazem mais presentes e fazem-se sentirem-se mais fortes.

Famíliares de negros, judeus, indígenas e/ou outras minorias estimulam a afirmação dos traços étnicos culturais de seu grupo particular em seus filhos, o que contribuirá para o desenvolvimento da identidade e autoestima do mesmo ao longo de seu desenvolvimento, fazendo com que o filho se orgulhe de pertencer aquele grupo. Em relação a gays e lésbicas, a realidade é a oposta. Os quadros de rejeição e violência psíquica/física, aliados a constrangimentos públicos começam dentro do próprio lar. A família, aliada a outros grupos detentores do poder social, trabalham unidos para a repressão do chamado “desvio”. Infelizmente, alguns segmentos da sociedade consideram homossexuais como sendo anti-família (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008; MOTT, 2000).

A família, enquanto instituição social demarcada pelo binarismo homem/mulher a partir da heteronormatividade, na maioria das vezes não possui os instrumentos necessários para lidar com um filho homossexual, apresentando dificuldade de aceitar o (a) filho (a) por não atender o ideal masculino ou feminino da nossa cultura. Segundo Bourdieu (2010), é a família que reproduz com mais força a dominação e visão masculina. No que diz respeito ao filho (a) homossexual, a organização familiar perpassa pela invisibilidade e exclusão deste (a). De repente, o filho passa a ser visto como alguém que põe em risco o projeto de preservação de família dentro dos moldes consagrados pela tradição e pelos “bons costumes” e valores morais (SANTOS et al., 2007).

Os pais protagonizam cenas de violência contra os filhos que refletem uma homofobia latente. A maioria dos pais vê seus filhos como prolongamentos de si e desejam a felicidade em todas as áreas de sua vida. No entanto, quando um filho diz aos pais que é homossexual, uma guerra começa na família. Pais e filhos trocam de papel. Faz-se necessário entender, que a compreensão da maioria dos pais sobre sexualidade está ligada ao sexo biológico, portanto, a heteronormatividade. Essa dificuldade também pode estar relacionada ao fato de os próprios pais não se sentirem à vontade ou capazes de lidar com seus próprios medos ligados a temas mais íntimos. Esses medos se relacionam com o rompimento das expectativas que esses familiares têm para os destinos sociais de seus filhos (SOLIVA; SILVA JUNIOR, 2014).

O choque dos pais e das mães ao se depararem com um filho (a) homossexual é quase inevitável. Quando o filho (a) revela sua orientação homoerótica, a frustração se apodera dos pais e “veem desaparecer todas as esperanças que tinham alimentado cuidadosamente. Os pais e as mães procuram a quem culpar, e há aqueles que acreditam ser apenas uma fase passageira (HAUER; GUIMARAES, 2015).

É muito comum que pais tentem encontrar uma razão para a homossexualidade dos filhos, procurando formular explicações lineares. Os pais começam a se culpar por



acreditarem que não deram uma educação de qualidade a seu filho, de modo que não puderam livrá-lo da tão rejeitada homossexualidade, ou então transferem seus sentimentos frustrados para fora de casa, culpando e responsabilizando os amigos, e outros grupos extrafamiliares pelo “desvio do filho” (MULLER, 2000).

O sentimento de vergonha em relação à sociedade é observado, pois a mesma acusa os pais de uma paternidade fracassada. Os sonhos dos pais de um filho heterossexual são desfeitos e quando os filhos saem do armário, os pais costumam entrar nele (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

As reações dos pais à revelação dos filhos a respeito de sua orientação homossexual são diversas, essas dependem dos tipos de vínculos ente eles e os filhos, dos sentimentos que afetam os membros da família ente si, da relação entre os irmãos, do comprometimento com os pressupostos religiosos, com o moralismo social, coma tradição, com a ética e os valores de respeito aos direitos humanos, à autonomia e às decisões individuais, entre outros aspectos.

Muitos homossexuais sentem que os pais já sabem se sua sexualidade e essa noção de pode ser verdadeiro visto que os pais, normalmente, conhecem muito bem seus filhos. Entretanto, por desconhecimento, por não saber como lidar com a situação ou porque ao saber é necessário se posicionar, muitos pais e familiares não tocam no assunto até que seja inevitável (COSTA et al., 2015).

A iniciativa quanto a revelação da orientação sexual é difícil para o homossexual. Poucos homossexuais que conseguem a maturidade da auto aceitação e revelam a sua orientação sexual para familiares (PALMA; LEVANDOWSKI, 2008). Devido à rejeição e à discriminação existente no meio social, nas escolas, nas famílias, nas instituições sociais, torna-se difícil para um(a) adolescente assumir-se como não-heterossexual, e quando o faz perante a família, dificilmente encontra acolhimento e respeito (PERUCCHI et al., 2014).

A tormenta emocional causada por uma “vida dupla”, o surgimento de um relacionamento amoroso, o processo de formação de identidade, o processo terapêutico e motivos destrutivos (afrontas, desejo de induzir culpa, confrontos ou alienações) são alguns dos processos motivadores para a revelação da homossexualidade ao seio familiar (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

De acordo com Viana (2007) a barreira mais importante para um homossexual que deseja “sair do armário” é a família, pois este é o primeiro grupo do qual fazemos parte e é o grupo em que aprendemos quase tudo sobre o que é certo e errado, e este é o grupo em que é reforçada a ideia de que a homossexualidade é condenável. O armário representa algo que marca a vida de gays e lésbicas. A cada encontro com uma nova pessoa, novos armários são construídos, os quais demandam novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Assim, mesmo pessoas que se assumem homossexuais, são poucas as que não se encontram no armário com alguém que seja de alguma forma importante para elas (PERUCCHI et al., 2014).

Falar em homossexualidade é algo penoso às famílias. Muitos pais acreditam que ela não vai existir na sua família. Segundo Muller (2000), a posição dos pais em relação à revelação do filho vai mostrar se os mesmos estão realmente interessados no filho ou se estão preocupados apenas consigo mesmo.



Ainda que considere que o espaço familiar seja de acolhimento e proteção de indivíduos, como condição para essa inclusão, há a exigência de que a postura de seus membros seja compatível ao modelo hegemônico heterossexual. Sendo assim, se seus membros se desviam de tais regras, a família passa a se dispor de mecanismos violentos, sejam estes físicos ou psicológicos, na tentativa de repreendê-los e enquadrá-los à heteronorma. Assim, para com filhos homossexuais, percebe-se que a família não atua como protetora e promotora de saúde e dignidade, mas, como um dispositivo de reiteração da norma heterossexual através de várias formas de violência (PERUCCHI et al., 2014).

Palma e Levandowski (2008), destacam que a reação dos pais no momento da revelação da orientação sexual de suas filhas é diversificada, sendo eles: nervosismo, choque, agressividade, falta de palavras para descrever o que estavam sentindo e culpa e que poucas famílias aceitam e convivem bem com um filho homossexual, prevalecendo o inconformismo. Na maioria das vezes, a revelação da homossexualidade leva a uma crise familiar (FRAZÃO; ROSÁRIO, 2008).

No grupo familiar, a crise é encarada como uma ameaça vital, um alarme no grupo, um momento cheio de possibilidades de ressignificações. Em muitos casos, ocorre um distanciamento emocional entre pais e filhos homossexuais, pois os conflitos entre a homofobia internalizada dos pais e o amor que os mesmos sentem pelos filhos faz com que os pais se sintam desligados da vida dos filhos. À medida que gays se sentem acolhidos, amados e protegidos por suas famílias, os problemas sociais trazidos pela homossexualidade acabam se tornando menos difíceis de enfrentar (PALMA; LEVANDOWSKI, 2008). A forma como homossexuais são tratados em suas famílias influi diretamente na qualidade de vida que os mesmos terão a partir de então. A harmonia dos filhos com os pais faz com que os jovens homossexuais sofram muito menos com depressão.

Existem duas principais experiências que a maioria dos homossexuais compartilha em comum: “o assumir-se”, processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, não existe nada parecido a isso na vida heterossexual, a próxima é a de que a maciça maioria dos homossexuais em algum momento de sua vida foi inferiorizado por parte de sua família especificadamente por causa de sua homossexualidade (SCHULMAN, 2009).

Os quadros de violência contra homossexuais dentro da família são comuns, porém, essa violência não é enxergada como privação dos direitos, mas sim como uma correção que levaria o filho “de volta a heterossexualidade”. As famílias usam de intensa violência contra homossexuais em nome do “amor e proteção”, providos de conceitos religiosos (COSTA et al., 2012).

Para cumprir com as premissas da heteronormatividade, as famílias investem pesadamente, e de modo inconsciente, para que seus filhos e filhas se tornem heterossexuais e façam as correspondências das performances de gênero correspondentes ao seu sexo biológico. As famílias estão mais voltadas e preocupadas em “tolerar” os homossexuais, isto é, conviver sem conflitos mantendo os mesmo em uma posição de menos valor, onde estes são punidos no interior de sua estrutura familiar (SCHULMAN, 2009). Em geral, frente a homossexualidade dos filhos, na melhor das hipóteses o que ocorre é uma “homofobia liberal” apoiada sobre o mito da “escolha de vida privada”, e é aí que se revela



uma lógica excludente: a vivência do homoerotismo não é vista como legítima, mas tolerada (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

As situações de homofobia no contexto familiar se constituem a partir de dispositivos com efeitos psicossociais: mecanismos subjetivos que mantêm o silêncio e a impotência diante da violência não apenas física, mas, sobretudo, simbólica, por meio dos quais a norma heterossexual submete jovens gays e lésbicas a estratégias biopolíticas de controle dos seus corpos. A família, quando não toma uma postura violenta na tentativa de reprimir a expressão das vivências homoeróticas do filho (a), muitas vezes se utiliza de uma forma de silêncio, de invisibilidade das tais práticas (PERUCCHI et al., 2014).

Em suas famílias, muitos homossexuais encontram dificuldades não só no reconhecimento e aceitação de sua condição como pessoa, mas também em relação ao seu amor conjugal. Quando não são reconhecidas as uniões homossexuais, as(os) companheiras(os) são vistas(os) como apenas "colegas de quarto", ou "aquele amigo(a) com quem divide o apartamento", pessoas que possuem um relacionamento estável são tratadas como se fossem solteiras, permanecendo em vigilância excessiva sobre si e sua(seu) parceira(o), e muitas vezes a(o) parceira(o) fica excluída(o) de eventos familiares. O não reconhecimento de suas relações uma das principais formas de violência vivenciadas por homossexuais em seu seio familiar, isso torna-se uma barreira nos casos de violência nas suas relações afetivas (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013).

A homofobia no contexto familiar constitui-se em um dispositivo que ocasiona a ruptura do vínculo e afastamento entre esses jovens e seus familiares, levando, muitas vezes, à saída ou à expulsão da casa dos pais (MATA, 2016).

Silva (et al., 2015), concluiu em sua pesquisa que a construção do significado da homossexualidade na família de origem se dá, na maioria das vezes, por meio de uma concepção preconceituosa e estereotipada, sempre reforçada pelas crenças religiosas, papéis de gênero, e conceitos de saúde e doença, gerando nos filhos um sentimento de medo, ao expressarem sua orientação sexual diante da própria família e sociedade, caracterizando assim, um relacionamento familiar discriminatório e abusivos.

A inexistência de acolhimento e de atitude respeitosa, de aceitação do modo de ser do filho, acaba agudizando problemas de ajustamento e autoestima no indivíduo, visto que potencializa os danos causados pela discriminação social sofrida nos espaços macrossociais, como escola e o trabalho (SANTOS et al., 2007).

Muito mais preocupantes são as consequências dessas agressões nas relações sociais dos filhos, onde a reprodução desse quadro de violência pode ser observado nas suas relações afetivo-sexuais. Se sofrem violência na intimidade, os mesmos são forçados a ocultá-la, por medo de fragilizar ainda mais os laços de afeto familiares, ou pelo medo de serem expulsos de casa (COSTA, et al., 2012).

Perucchi (et al., 2014) diz que as construções cotidianas de identidade de gênero geradas dentro da ordem social dominante produzem violência anti-homossexual, tendo como impactos, práticas coercitivas, corretivas e punitivas, operadas por meio da violação de direitos e/ou de crimes, velados ou explícitos, ou simplesmente, por violências cotidianas. Em sua pesquisa, a referida autora constatou que ainda que a violência homofóbica no âmbito familiar não culmine com a expulsão ou saída da casa dos pais, ela



se processa nas relações cotidianas dos filhos homossexuais. Quando eles permanecem no convívio de um lar heteronormativo, ser heterossexual garante posições privilegiadas ou, muitas vezes, posições de sobrevivência e não violência, ser homossexual, não. Situações corriqueiras de discriminação são ancoradas em privilégios de seus parentes heterossexuais nas trocas familiares. Privilégios que sequer são reconhecidos, pelos autores da violência e muitas vezes pelos jovens em situação de violência familiar, como sendo privilégios. Por outro lado, se os jovens convivem em um ambiente familiar que proporcione segurança e meios para lidarem com adversidades, eles terão mais condições para vivenciar a homossexualidade de forma funcional, com uma boa qualidade de vida e o bom desenvolvimento da autoestima.

Schulman (2009) explica que já que gays geralmente estão sozinhos em sua família, eles se tornam bodes expiatórios perfeitos, pois no interior deste grupo, ninguém é como ele ou se identifica com ele, então, o homossexual se torna o depositário de todos os ressentimentos e deficiências familiares, além disso, ninguém está a ver o que realmente acontece, pois a homofobia e exclusão são disfarçadas de “valores morais”. Piorando a situação, este “mais fraco” acaba absorvendo a culpa e os sentimentos familiares, se sentindo a ovelha negra da família, como se ele mesmo fosse o doente. Fica evidente que o eleito como bode expiatório não é o problema da família, pelo menos não o único. Esse é um mecanismo de proteção da família, que deixa de olhar para si mesmo, focando os olhares no “sujeito problema”. Este “problemático” acaba por se tornar o agente protetor da família, onde o mesmo, sendo o inadequado no seio familiar, acaba por se deixar usar para que se mantenha o equilíbrio familiar.

Quando não é acolhido pela família, ou quando se exige que o homossexual permaneça no armário, muitas vezes o peso dessa desestabilização e não reconhecimento faz muito homossexuais afastarem-se de suas famílias de origem. Assim, lésbicas e gays que revelam sua homossexualidade têm que criar um novo referencial familiar. É comum, por exemplo, que homossexuais formem verdadeiras famílias de amigos ao serem rejeitados por suas famílias de origem. Frequentemente, muitos homossexuais se afastam de seus familiares ao conquistarem sua independência material, mas muitos permanecem ligados à sua família por uma ilusão de vínculos de amor "naturais", mas que em realidade são vínculos financeiros e de dominação sobrepostos por uma homofobia familiar consentida, que exige que o membro homossexual se anule (TOLEDO; TEIXEIRA-FILHO, 2013).

Os autores Herdt e Koff (2002) fizeram um levantamento das relações familiares em que há casos de filhos gays, sua pesquisa tipificou as relações familiares no processo de “saída do armário” dos filhos e também suas relações a partir de então. São basicamente três tipos de famílias:

Famílias Desintegradas: Nessa tipologia familiar, as relações são fechadas e complicadas, além das situações de conflito antes da revelação da orientação sexual do filho, estes conflitos tendem a aumentar depois da revelação da homossexualidade, as sensações de vergonha e a rejeição pela orientação sexual do filho são fatores bem presentes, bem como a rejeição do parceiro do filho é constatada. Os pais se sentem fracassados na criação e educação de seus filhos, não conseguindo então projetar um futuro para o filho gay.



Famílias Ambivalentes: Esta tipologia familiar apresenta reações ambivalentes no que diz respeito a revelar a orientação sexual de seu filho a outras pessoas e familiares, pois são motivados por um sentimento de vergonha interna. A comunicação nesse grupo familiar é positiva e o reconhecimento da orientação sexual do filho acontece. Apesar de existir uma pequena relação com o parceiro do filho, geralmente essa relação gera conflito e outro fator presente são as incertezas em relação ao futuro do filho.

Já nas *Famílias Integradas*, os sentimentos de vergonha são pouco presente, sendo o segredo considerado desnecessário, e mais, um fardo. Com a revelação da orientação sexual do filho, há uma melhoria nas relações familiares e o acolhimento do mesmo é evidente. Nessa tipologia familiar, os conflitos geram proximidade e não o afastamento. Além do reconhecimento da orientação sexual do filho, a família geralmente encontra uma contribuição única e exclusivamente positiva do filho gay, existe um envolvimento com o movimento homossexual, diferente do que ocorre nas outras tipologias familiares citadas acima. Em relação ao companheiro, a inclusão do mesmo é explícita e o futuro do filho é visto positivamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, em nossos achados, as relações familiares em que homossexuais estão submetidos são, na maioria das vezes, relações baseadas na violência. O observado ainda é a condenação e exclusão de homossexuais embasados em pressupostos das religiões judaico cristãs, no machismo e patriarcalismo. Ressalta-se que muitas famílias encontram meios únicos de lidar com um filho homossexual dentro do lar, seja na exclusão direta, na exclusão indireta ou até mesmo na inclusão. A família passa por reorganização ao saber da presença de um homossexual no seio familiar. Essa dinâmica vai influenciar diretamente na formação de identidade do filho e marcas serão deixadas na sua subjetividade. Mesmo sendo, na maioria das vezes, relações conturbadas, a família também pode ser fonte de proteção e segurança para o homossexual. Em suma, a homossexualidade do filho pode reforçar os laços familiares ou fragilizá-los ainda mais.

A família, enquanto instituição cultural protetora falha demasiadamente com homossexuais. Em nome da moral e dos bons costumes, homossexuais são mantidos em posições rebaixadas e a esperança de que o filho se torne heterossexual são mantidas. O não reconhecimento do filho enquanto homossexual gera sofrimento, adoecimento, e algumas vezes, pode culminar no suicídio. A falta de informação aliado ao preconceito dos pais sobre sexualidade cria uma divisão na família. O conflito entre o que os pais sentem pelo filho e a homofobia fragiliza as relações dentro do lar e acaba por ser motor de várias formas de violência. Infelizmente, é comum a muitos jovens homossexuais ser violentado de diversas maneiras dentro do lar.

Concluimos que a violência é recorrente na dinâmica familiar entre os jovens gays e seus pais. Homossexuais são expostos a relações violentas quase como uma norma. Esperamos poder contribuir para a mudança desse quadro com a construção deste conhecimento.



REFERÊNCIAS

- BORGES, R. C. **Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas**. 2009. 253 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Ciências. USP, Ribeirão Preto, 2009.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CARNEIRO, T. F. **Família e Casal: Saúde, Trabalho e Modos de Vinculação**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.
- CIA, F.; PAMPLIN, R. C. O.; DEL PRETTE, Z. A. P. Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**. vol.16, n.35, p.395-406. 2006.
- COSTA É. F. S. et al. Violência Doméstica Contra Homossexuais – Máscaras e Mitos. I: IV Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, 2012 Alagoas. **Anais...** Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 2012, p. 1-3.
- COSTA, C. B.; MACHADO, M. R.; WAGNER, M. F. Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. **Temas psicol.**, vol.23, n.3, p. 777-788, 2015.
- FRAZÃO, P.; ROSÁRIO, R. O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. **Análise Psicológica**, v.1, n. 26, p. 25-45, 2008.
- HAUER, M.; GUIMARAES, R. S. Mães, filh@s e homossexualidade: narrativas de aceitação. **Temas psicol.**, vol.23, n.3, p. 649-662, 2015.
- HERDR, G.r, KOFF, B. **Gestion Familiar De La Homosexualidad**. Miami: Ballaterra, 2002.
- LÉVI STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentescos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- MARTINS, S. R. C. **Unões homoafetivas: da invisibilidade à entidade familiar**. 2015. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Direito Civil. USP, São Paulo, 2015.
- MARTINS-SILVA, P. O. et al. Adolescentes e homossexualidade: representações sociais e identidade social. **Cad. Pesqui.** vol.42, n.146, p.474-493, 2012.
- MATA, N. D. S. **Adolescentes homossexuais e as relações com seus familiares: um enfoque da fenomenologia social**. 2016. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Cuidado em Saúde USP, São Paulo, 2016.
- MOTT, L. A Revolução Homossexual – O Poder de um Mito. **Revista USP**, n.49, p. 40-59, 2001.
- MOTT, L. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In: SEMINÁRIO GÊNERO & CIDADANIA: TOLERÂNCIA E DISTRIBUIÇÃO DA



JUSTIÇA. Campinas, 2000. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2000, p.6-12.

MULLER, W. **Pessoas homossexuais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PALMA, Y. A.; LEVANDOWSKI, D. C. Vivências Pessoais e Familiares de Homossexuais Femininas. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 4, p. 771-779, 2008.

PERUCCHI, J.; BRANDAO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estud. psicol. (Natal)**, vol.19, n.1, p.67-76, 2014.

POESCHL, G.; VENANCIO, J.; COSTA, D. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. **Psicologia**, vol.26, n.1, pp.33-53, 2012.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.** v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007

SANTOS, M. A.; BROCHADO JÚNIOR, J. U.; MOSCHETA, M. S. Grupo de pais de jovens homossexuais. **SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 3, n. 2, p. 01-16, 2007.

SCHULMAN, S. **Ties that Bind: Familial Homophobia and Its Consequences**. New York: The New Press, 2009.

SILVA, M. M. L. et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas psicol**, vol.23, n.3, p. 677-692, 2015.

SOLIVA, T. B.; SILVA JUNIOR, J. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sex, Salud, Soc.**, n. 17, p. 124-148, 2014.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'. **Arq. bras. psicol.**, vol.65, n.3, p. 376-391, 2013.

UZIEL, A. P. **Família e homossexualidade: velhas questões, novos problemas**. 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais - UNICAMP, Campinas, 2002.

VIANA, F. **O Armário: Vida e Pensamento do Desejo Proibido**. Blumenau: SC. 2007.

